

**Adriana Simões Marino**

adrianamarino@usp.br

Graduação em Psicologia (Universidade São Marcos) e em Filosofia (FFLCH). Especialização em Psicopatologia e Saúde Pública (FSP-USP). Mestre e doutora em Psicologia (IPUSP). Psicanalista membro de Fórum da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano (EPFCL).

## **Psicanalistas pela Democracia: resistência em tempos sombrios**

Em 2016, mais de 50 anos após o golpe militar no Brasil, tivemos o Ato: Psicanalistas pelo Apoio Incondicional à Democracia no Brasil, realizado no dia 7 de abril daquele ano – tempos antes do impeachment de Dilma Rousseff. O golpe parlamentar assentou-se na retórica legalista, calcada nas famigeradas acusações de pedaladas fiscais da presidenta e despontou o que seria o bojo discursivo do antipetismo. Aos gritos em forma de votos em favor do impedimento da presidenta eleita, a suposta família tradicional, os anseios de chumbo e a fé neopentecostal travestiram-se de democracia, circunscrevendo o cenário dos embates de nossos tempos. Após o derradeiro golpe, Dilma não foi sequer condenada pelas pedaladas fiscais.

Temer assumiu o poder e, mesmo sob uma forte rejeição da opinião pública, fez valer o rébus que lhe permitiu assumir o poder. Aprovou pautas impopulares que, francamente, caracterizam um tenebroso retrocesso das históricas conquistas de direitos sociais do país. Os memes são como chistes, então, é melhor não ousarmos explicar a sanguessuga. A conta da sangria fica a cargo daqueles que sempre a carregaram: aos trabalhadores, ainda mais precarizados, e a todos aqueles que insistem em não se adequar às benesses meritocráticas do másculo homem branco.

E é nesse cenário obscuro que psicanalistas – aqueles não devem recuar frente à subjetividade de sua época – encontram-se, a fim de chamar atenção para as formas de sofrimento subjetivo atravessado por questões socioculturais e políticas, assim como têm algo a dizer sobre a conjuntura onde se inscreve nosso mal-estar.

. Psicanalistas lidam com o sofrimento humano e as formas de sofrer e manifestá-lo são produzidos por idiosincrasias singulares imersas em dinâmicas sociais complexas. Isso quer dizer também que as dinâmicas macropolíticas produzem relações micropolíticas que, por sua vez, engendram sofrimento. As condições de pobreza, doença e discriminação geram sofrimento na população. Assim, não é fortuito reconhecermos que momentos de crise aumentam exponencialmente o número de suicídios. Freud mesmo dizia que não era possível separar uma psicologia social e outra individual. Afinal, condições que produzem instabilidade social engendram sofrimento na população.

A psicanálise encontra-se imiscuída nas questões que afetam a vida em sociedade e colhe seus efeitos no dia a dia da sua escuta. Psicanalistas também se encontram fora de consultórios, em setores como educação, saúde e assistência social, atentos aos discursos hegemônicos que fomentam processos de segregação social. Mais ainda, psicanalistas reconhecem que, sem uma democracia efetiva, não é possível haver “cura pela palavra”.

Após o Ato realizado em 2016, a plataforma dos “Psicanalistas pela Democracia” apresentou-se como aposta de continuidade deste ato – que reuniu, à época, uma série de psicanalistas dentro e fora do Brasil – de modo que se mantivesse acesa a iniciativa. A aposta diz respeito a alguns comuns que norteiam uma psicanálise como experiência clínica, ética, política. Sua orientação mínima é a da singularidade subjetiva, esta que valoriza as formas de desejo e gozo de cada um. A plataforma do PPD (como carinhosamente chamamos) é aberta a quem quiser publicar relatos e textos de diferentes formatos e estilos, às voltas com a temática da plataforma. Não se trata, portanto, de um grupo a mais.

Passados dois anos de sua existência, constitui-se como espaço de resistência e divulgação de notícias e atividades públicas e gratuitas que permeiam a humana tarefa de resistir contra abusos de poder. É uma plataforma crítica, que marca oposição ao que é estabelecido como empuxo à homogeneização, isto é, às tentativas de pasteurização de diferentes formas de vida. Psicanalistas são pela democracia, pois se orientam pelo princípio da fala, sempre plural e aberta à alteridade.

É para não sermos forçados a ter de jogar a toalha. Afinal, o discurso neo-nazifascista silencia e mata. É para não termos de padecer diante do fato de que a ascensão desse discurso no país constitui a prova de que perdemos. Perdemos, entenda-se, enquanto humanidade, já que as urnas sinalizaram que se elegeu um bode expiatório poderoso e que foi capaz de oferecer um atestado da barbárie. Tal como a imagem de uma urna que encaixota, sem saber, a própria morte. O fetiche-fóbico bode expiatório, sabemos, encontra-se como aquilo que vai à contramão do que representa o progresso, o de uma sociedade plural. O antipetismo venceu as expensas do discurso de ódio e com a falsa promessa de que esse mesmo eleitor será beneficiado pelos ventos do mercado. Engana-se. Como no mito de Oroboros, não sabe que está prestes a suicidar-se ao começar por comer a própria calda.

Mais-além daquilo que se pode tratar em uma análise, isto é, a série de recusas projetadas como “estranhas” ao próprio narcisismo, trata-se de apontar para algo que nos é fundamentalmente comum. Este comum é a fala. A fala de cada um oportunizada pela democracia. Afinal, aquilo é do povo (demos) e que nos é comum, é também o que permite haver “cura pela palavra”. E é contra o silenciamento por essa onda neo-nazifascista que assola o país, que psicanalistas se posicionam contrariamente à ameaça de nossa incipiente democracia.

